



## **Contribuições bakhtinianas para o Jornalismo: o dialogismo na condução ética da Revista Veja<sup>1</sup>**

Tiago Mathias da SILVA<sup>2</sup>  
Silvia Regina Emiliano GONZAGA<sup>3</sup>

Centro de Ensino Superior do Paraná – Faculdade Maringá, Maringá, PR

### **RESUMO**

O presente artigo faz parte de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), que teve como corpus três reportagens da Revista Veja analisadas à luz da teoria da enunciação bakhtiniana. Aqui, serão apresentados o método e a técnica utilizados durante as análises, que se pautaram nos movimentos dialógicos e no contexto de produção categorizados por três pesquisadoras brasileiras da Análise Dialógica do Discurso. O inédito cruzamento metodológico possibilitou tecer novas perspectivas para o texto jornalístico e, acredita-se, contribuição interdisciplinar entre a Comunicação e a Linguística, como apontamentos éticos e discursivos acerca de produções do gênero.

**PALAVRAS-CHAVE:** Epistemologia; Teorias; Dialogismo; Ética; Revista Veja

### **1 Introdução**

A interdisciplinaridade entre as teorias da Comunicação e as conceituações Linguísticas têm sido uma busca recorrente para analisar, no âmbito científico, a condução discursiva dos textos e produtos jornalísticos em circulação. Na tentativa de descobrir marcações ideológicas nesse tipo de narrativa, tais pesquisas consideram apenas a tradicional observação de que os meios de comunicação, enquanto sistema ideológico constituído, criam mecanismos de interpelação e, o público, é meramente interpelado.

Esse tipo de abordagem relaciona as áreas de conhecimento. Não sobressai, porém, ao pensamento filosófico-linguístico, ligado aos movimentos Racionalismo, Neoclassicismo e Romantismo. Em outras palavras, tem como premissa uma reflexão da linguagem enquanto ato puramente individualista, monológico. Nela, um indivíduo se expressa apenas com o objetivo de comunicar, sem intenções de provocar ações ou

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 8 – Estudos Interdisciplinares do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 4 a 6 de junho de 2015. Artigo científico extraído do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) “A queda de ministros sob a ótica da Revista Veja”, apresentado à graduação de Jornalismo da Faculdade Maringá em dezembro de 2014.

<sup>2</sup> Autor da pesquisa e bacharel em Jornalismo, graduado pela Faculdade Maringá em 2015. E-mail: tiago.mathiass@gmail.com.

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Mestra em Letras pela Universidade Estadual de Maringá (UEM) e docente no curso de Jornalismo da Faculdade Maringá. E-mail: silviareginaemiliano@hotmail.com.



reações e, principalmente, sem haver relação entre falante, ouvinte e o contexto histórico.

Não bastasse o resultado desse próprio tipo de pesquisa, a evolução teórica da Comunicação e da Linguística também evidenciam a necessidade de classificar os meios de comunicação e seus respectivos públicos como interlocutores. Torna-se insuficiente, para a renovação acadêmica/científica, defini-los como atores de sujeitamento e atores sujeitados, respectivamente, do ponto de vista histórico-social.

Para compreender a condução discursiva de uma reportagem escrita, por exemplo, é preciso analisar o seu contexto de produção, sua estrutura e estilo composicionais e, mais importante, a alternância do redator com as próprias convicções, com as diretrizes da empresa na qual trabalha e, ainda, com o público para o qual se dirige. Ou seja, mais crível será a interdisciplinaridade entre as linhas de conhecimento quanto maior for a compreensão do pesquisador de que o jornalismo e o público lançam seus posicionamentos ideológicos em um ambiente de constante interação.

Tendo tais apontamentos como perspectiva, esta pesquisa experimental apropriou-se da Análise Dialógica do Discurso. Para conferir inovação ao trabalho qualitativo, a concepção difundida pelos intelectuais russos Mikhail Bakhtin e Valentin Nikolaievitch Volochinov foi, também, considerada a partir da classificação de estudiosos em Linguística. Entre eles, Adail Sobral, Augusto Ponzio, Carlos Alberto Faraco, Ingedore Villaça Koch, Lucília Helena do Carmo Garcez, Roxane Rojo e, em especial, Rosângela Hammes Rodrigues, Márcia Cristina Greco Ohuschi e Josa Coelho da Silva.

O método permitiu estabelecer relações diretas com técnicas e características da Comunicação, ou mais especificamente, do Jornalismo. Enquanto gênero discursivo, inclusive assim estabelecida nas pesquisas linguísticas, a reportagem pode ser analisada enquanto materialidade ideológica e, também, enquanto manifestação da atividade informacional. Para isso, os conceitos de Bakhtin/Volochinov (1992) ainda foram assimilados a importantes delimitações de autores desta segunda área de conhecimento, como Ciro Marcondes, Clóvis Rossi, Cremilda Medina, José Arbex Júnior, Juarez Bahia, Muniz Sodré, Nilson Lage e, de maneira mais contundente, Eugênio Bucci.

Teve-se como princípio norteador, ao longo de todo o trabalho de conclusão de curso (TCC) – do qual foi extraído este artigo –, a influência de um possível discurso



ideologicamente marcado na condução das reportagens da Revista Veja<sup>4</sup>. Seria este tratamento dado às informações salutar para a condução ética dos conteúdos e à construção do discurso jornalístico?

Para a análise dialógica, foi considerada a cobertura jornalística do semanário acerca da queda de ministros do Poder Executivo Federal durante três diferentes mandatos presidenciais, no período entre 1995 e 2014<sup>5</sup>. A partir das capas ou das chamadas de capa, a primeira reportagem que abordou episódios políticos dessa natureza, em cada um dos mandatos, foram selecionadas e submetidas às concepções bakhtinianas.

Na tentativa de responder o questionamento científico, o levantamento bibliográfico embasou a relação entre Jornalismo, Ética e a construção discursiva dos textos jornalísticos. Em conflito, as suspeições iniciais de que as reportagens evidenciarium falhas na condução ética dos assuntos e de que a Revista Veja tivesse utilizado de mecanismos linguísticos para configurar interpretações tendenciosas do ponto de vista político.

## **2 A teoria bakhtiniana como método**

Delimitados o corpus e o tema do trabalho, a escolha do método demandava conceituações e técnicas que suprissem o questionamento e as hipóteses do autor. Tornou-se necessário, portanto, a delimitação de uma metodologia que pudesse extrair elementos constitutivos das reportagens para, num segundo momento, lançá-los à luz das concepções de jornalismo e de ética na profissão.

Daí, então, a escolha pela Análise Dialógica do Discurso, também conhecida como teoria da enunciação bakhtiniana. A delimitação se justifica porque, segundo o intelectual russo, o diálogo (comunicação entre duas ou mais pessoas) deve ser considerado na grande temporalidade (passado, presente e futuro) e o indivíduo ocupa o centro de reflexão da linguagem. Ou seja, o processo é determinado por quem emite e por quem é recebida a palavra (neste caso, por quem redige e por quem lê as reportagens).

---

<sup>4</sup> Publicação escolhida por causa da importância dentro do cenário jornalístico – 800 mil assinantes –, pelo tempo em circulação no mercado editorial e, também, porque comumente retrata os fatos ligados ao governo, como a perda de mandados em ministérios.

<sup>5</sup> Período correspondente aos mandatos presidenciais de Fernando Henrique Cardoso (1995 à 2002), Luiz Inácio Lula da Silva (2003 à 2010) e Dilma Rousseff (2011 à 2014), respectivamente.



Em suma, o discurso (falado ou escrito) ultrapassa a simples utilização dos recursos gramaticais e linguísticos. A comunicação, nesta premissa, passa a carregar o entendimento subjetivo na relação histórico-social, na interação com o meio exterior.

Não há palavra que seja a primeira ou a última, e não há limites para o contexto dialógico (este se perde num passado ilimitado e num futuro ilimitado). Mesmo os sentidos passados, aqueles que nasceram do diálogo com os séculos passados, nunca estão estabilizados (encerrados, acabados de uma vez por todas). Sempre se modificarão (renovando-se) no desenrolar do subsequente, futuro. Em cada um dos pontos do diálogo que se desenrola, existe uma multiplicidade inumerável, ilimitada de sentidos esquecidos, porém, num determinado ponto, no desenrolar do diálogo, ao sabor de sua evolução, eles serão rememorados e renascerão numa forma renovada (num contexto novo). Não há nada morto de maneira absoluta. Todo sentido festejará um dia seu renascimento. O problema da grande temporalidade. (BAKHTIN, 2003, p. 410)

Bakhtin (2003) tipifica, para isso, alguns aspectos importantes para a análise. Ele considera a existência de uma situação social imediata (também chamada de contexto), de um conteúdo temático (neste caso, o gênero reportagem), o estilo (finalidade do discurso) e a alternância do sujeito (no processo de construção discursiva, em que surgem as vozes dos sujeitos participantes social, histórica e ideologicamente marcados).

Ou seja, é o meio exterior quem determina a construção do pensamento individual. Nesta teoria, acredita-se que as concepções pessoais receberão, sim, interferência do meio externo. Ao contrário das pesquisas que consideram o consumidor de notícia como sujeito passivo, no entanto, Bakhtin/Volochinov (1992) defendem que a consciência particular torna-se força real quando novamente lançada aos sistemas ideológicos constituídos (ciência, arte, moral e direito).

À luz do jornalismo, é possível compreender que os leitores da Revista Veja, por exemplo, interpretam as reportagens conforme a consciência particular, mas não deixam de estabelecer vínculos cognitivos à ideologia do cotidiano. Eles confrontam as informações lidas no semanário com seus conhecimentos prévios e, então, as lançam num espectro histórico e social também conhecido para interpretá-las.

Qualquer enunciação, por mais significativa e completa que seja, constitui apenas uma fração de uma corrente de comunicação verbal ininterrupta (concernente à vida cotidiana, à literatura, ao conhecimento, à política, etc.). Mas essa comunicação verbal



ininterrupta constitui, por sua vez, apenas um momento na evolução contínua, em todas as direções, de um grupo social determinado. (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1992, p. 123)

Portanto, a linguagem é interação. E esta, por sua vez, como desmitificam os pressupostos bakhtinianos, não acontece apenas no diálogo de pessoas colocadas face a face, em uma comunicação de voz alta. O diálogo é, num sentido amplo, uma das várias formas de interação entre o locutor e o interlocutor, entre as quais os produtos jornalísticos e sua audiência.

Todo enunciado vindo do meio exterior está sujeito a interpretação subjetiva. As informações impressas em uma revista são submetidas ao conhecimento do leitor, estão sujeitas ao seu conhecimento sociocultural e político-ideológico. O posicionamento que os meios de comunicação podem sustentar, desta forma, não são considerados como manipulação em grau absoluto de arbitrariedade. São considerados por Arbex (2002), sim, como uma relação simbólica entre conhecimento e competência discursiva dos profissionais neles empregados.

Neste sentido, Adail Sobral (2009) argumenta que os discursos têm origem na interação entre diferentes subjetividades. Define-se, então, por discurso o resultado desta constante transformação, do constante dialogismo. A existência do sujeito está fundada no confronto (diferença) com os demais sujeitos e nunca na sua abstração.

### **3 A reportagem enquanto gênero discursivo**

Com as premissas da Análise Dialógica do Discurso devidamente descritas, a pesquisa percorreu sobre o tópico essencial da teoria bakhtiniana para o estudo das três reportagens: o gênero discursivo. Neste momento, aliás, a metodologia de análise e o objeto de pesquisa mais se aproximam. Afinal, a reportagem jornalística pode ser caracterizada enquanto gênero discursivo.

E assim é classificada porque foi criada e permanece convencionalizada para conferir profundidade a determinados assuntos que as matérias jornalísticas não são capazes de abordar. Assim também é o gênero discursivo, evento textual altamente maleável e dinâmico.

De acordo com Luiz Antônio Marcuschi (2005), tais gêneros “surgem emparelhados a necessidades e atividades socioculturais” (2005, p. 19). Ou seja, são estabelecidos a partir de condições específicas, a fim de atender às várias esferas da



atividade humana, o conteúdo temático, o estilo de língua, e a construção composicional.

Caracterizam-se muito mais por suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais de que por suas peculiaridades linguísticas e estruturais. São de difícil definição formal, devendo ser contemplados em seus usos e condicionamentos sócio-pragmáticos caracterizados como práticas sócio-discursivas. Quase inúmeros em diversidade de formas, obtêm denominações unívocas e, assim como surgem, podem desaparecer. (MARCUSCHI, 2005, p. 20).

Os conceitos permitiram, desta forma, compreender as marcas linguísticas da Revista *Veja* nos textos analisados. A concepção de gênero discursivo possibilitou, também, um amplo estudo acerca do tratamento dos jornalistas aos episódios de queda de ministros, do estilo de escrita e, também, da estrutura da produção.

Ou seja, o trabalho de análise manteve-se fiel à representação escrita da consciência entre um indivíduo e outro: o enunciado.

Há uma dicotomia entre enunciado e frase: esta é uma unidade da língua e aquele é a manifestação concreta da frase (frase + sua enunciação em um contexto = enunciado). Enquanto a frase é reiterável, pois, como unidade da língua estruturada de acordo com os princípios da gramática (estrutura lexical e sintática), é passível de um sem-número de realizações, o enunciado, como fragmento do discurso, é sempre único, pois diferente a cada enunciação da frase. (RODRIGUES, 2005, p. 157)

As análises das reportagens interpretaram, portanto, os enunciados (reportagens) à luz de um contexto, ou seja, do momento em que estiveram inseridos. Foram considerados, para isso, o relato do tema e o estilo utilizado pelo enunciador (jornalistas).

#### **4 Contribuição inovadora: as vozes bakhtinianas**

Ainda que a Análise Dialógica do Discurso, por si mesma, sobressaia ao pensamento filosófico-linguístico, criticado na introdução deste artigo, a pesquisa demandava novos critérios de estudo. Era preciso, ainda, extrair elementos constitutivos das reportagens para, então, submetê-los às concepções de ética em jornalismo.



Em suma, fez-se necessário um novo cruzamento de técnicas para que o trabalho não considerasse, de maneira simplista, que os meios de comunicação criam mecanismos de interpelação e que o público, por sua vez, é passivelmente interpelado. O estigma de manipulação em grau absoluto de arbitrariedade, inclusive, já havia sido refutado durante o levantamento bibliográfico acerca do método.

Para conseguir inovar, a pesquisa apropriou-se do conceito de “elos”, também conhecido como “vozes”, da teoria bakhtiniana:

Todo enunciado concreto é um elo na cadeia da comunicação discursiva de um determinado campo. Os próprios limites do enunciado são determinados pela alternância dos sujeitos do discurso. Os enunciados não são indiferentes entre si nem se bastam um a si mesmos; uns conhecem os outros e se refletem mutuamente uns nos outros. (BAKHTIN, 2003, p. 296)

Assim o intelectual define a relação existente, dentro das esferas de comunicação discursiva, entre um enunciado agora construído com outros já existentes. Nas palavras dele próprio (2003, p. 293), “cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade”.

Para facilitar a compreensão, novamente se inferiu o conceito à prática do jornalismo: É impossível alguém definir sua posição sem correlacioná-la com outras posições. Ou seja, para relatar (função do gênero reportagem) determinado assunto, o jornalista tem de colher documentos ou entrevistar indivíduos relacionados ao tema para compor seu discurso.

Neste processo, o profissional se depara com variadas atitudes responsivas diante do que perguntar e, não menos importante, tem suas próprias atitudes responsivas diante do que ouvir. Assume (quase simultaneamente), portanto, as posições de falante e ouvinte para, em seguida, portar-se como enunciatador aos seus destinatários.

O discurso do outro, desse modo, tem uma dupla expressão: a sua, isto é, a alheia, e a expressão do enunciado que acolheu esse discurso. Tudo isso se verifica, antes de tudo, onde o discurso do outro (ainda que seja uma palavra que aqui ganha força de um enunciado pleno) é citado textualmente e destacado com nitidez (entre aspas): os ecos da alternância dos sujeitos do discurso e das mútuas relações dialógicas aqui se ouvem nitidamente. (BAKHTIN, 2003, p. 299)

A utilização e a organização conferidas a estes enunciados alheios podem seguir diferentes movimentos, conforme categorizações de Rodrigues (2005) e Silva



(2008) para a teoria bakhtiniana. São eles: movimento dialógico de assimilação, distanciamento, engajamento, refutação, interpelação, direcionamento e de ativação do conhecimento prévio.

#### 4.1 Movimentos dialógicos

Como visto, estes recursos possibilitam o entrelace entre o discurso do jornalista (ou da empresa de comunicação) e o discurso do entrevistado – ou da prova documental utilizada como fonte de informação. Rodrigues (2005) categorizou cinco enquadramentos para elos anteriores e posteriores e, a partir disso, Silva (2008) categorizou outros dois enquadramentos para os elos posteriores. Ohuschi (2013) cita tais enquadramentos conforme tabela a seguir.

Elos anteriores (inter-relação do discurso do autor com enunciados existentes), segundo Rodrigues (2005):

• Movimento dialógico de assimilação	Incorporação de outras vozes para conferir credibilidade. Utiliza voz do senso comum, de entidades, autoridades, etc., além de verbos ou grupos proposicionais do discurso citado (sobretudo o discurso direto – entre aspas), com emprego de valor apreciativo (vozes usadas positivamente), que trazem verdades, fatos ou opiniões.
• Movimento dialógico de distanciamento	Apagamento ou reacentuação das outras vozes, denotando perda de sua credibilidade. Veicula artigos definidos, pronomes indefinidos, pronomes demonstrativos, expressões avaliativas, aspas, negação, ironia, operadores argumentativos e discurso indireto.
Elos posteriores (antecipação de respostas para abafar possível objeção do leitor), segundo Rodrigues (2005):	
• Movimento dialógico de engajamento	Elevação do leitor à posição de aliado (coautor). Faz uso da primeira pessoa do plural, de pronome indefinido de afirmação plena (todos) e de perguntas retóricas, como questionamentos possíveis leitor.
• Movimento dialógico de refutação	Antecipação de respostas para abafar uma possível objeção do leitor.





---

• Movimento dialógico de interpelação	Imposição do ponto de vista do autor ao leitor, usando interlocução direta, modalizadores, operadores argumentativos, hibridização ou transformação do gênero.
---------------------------------------	--

---

Elos posteriores (antecipação de respostas para abafar possível objeção do leitor), segundo Silva (2008):

---

• Movimento dialógico de direcionamento	Direcionamento do leitor a compreender o fato a partir do posicionamento do autor.
• Movimento dialógico de ativação do conhecimento prévio	Uso de informações não explicadas no texto, mas que podem ser recuperadas pelo leitor a partir de seu conhecimento prévio.

---

## 4.2 Contexto de produção

Para identificar os movimentos dialógicos, Rodrigues (2005) delimita, também, uma tabela de critérios do contexto de produção de uma reportagem. Por meio destes elementos, é possível compreender o momento histórico em que os enunciados estiveram. Na pesquisa, consideramos a organização destes critérios apresentada por Ohuschi (2013).

Contexto de produção da reportagem impressa, segundo Rodrigues (2005):

---

• Suporte	Jornal (periódico diário perecível) ou revista (periódico/semanal/mensal): local onde está a reportagem.
• Objetivo	Na reportagem, podem predominar a investigação, o levantamento de dados ou a interpretação das informações.
• Leitor	Pode ser ou não conhecido (sabe-se apenas o perfil de leitor de determinado jornal ou revista). Em geral, os leitores de revistas não procedem a uma leitura rápida/transversal como ocorre no jornal. A tendência do leitor de revista é realizar uma leitura mais atenta.
• Redator	A reportagem, normalmente, apresenta assinatura. O nome do autor pode ser um fato importante na decisão do leitor sobre dar ou não atenção para o enunciado.

---



- Finalidade discursiva

Intenção discursiva do jornalista: ironizar, criticar, defender uma informação, um fato. A reportagem pode ter o propósito implícito de formar a opinião de seu público a respeito de determinado assunto, de causar indignação, de ironizar uma situação, de beneficiar ou desqualificar a imagem de uma figura pública, de fazer propaganda de um produto.

---

Ambas as categorizações propostas por Rodrigues (2005), Silva (2008) e Ohuschi (2013) permitiram que as análises considerassem as três reportagens selecionadas enquanto materialidade ideológica e, também, enquanto manifestação da atividade informacional. Ou seja, o cruzamento entre as classificações sugeridas pelas pesquisadoras constituiu técnica capaz de checar o princípio norteador do trabalho: a influência de um possível discurso ideologicamente marcado na condução das reportagens da Revista Veja.

Mais do que isso, estes novos critérios de análise tornaram-se indispensáveis para que o trabalho apreciasse, a fim de comprovar ou refutar, as suspeições iniciais: de que as reportagens evidenciam falhas na condução ética dos assuntos e de que a Revista Veja tivesse utilizado de mecanismos linguísticos para configurar interpretações tendenciosas do ponto de vista político.

A apropriação da teoria bakhtiniana, enviesado pelos recortes científicos de Rodrigues (2005), Silva (2008) e Ohuschi (2013), garantiu que as análises considerassem, como delimitam Bakhtin/Volochinov (1992), a interação ideológica entre o meio de comunicação – neste caso, a Revista Veja – e o público. Propiciou, ainda, uma forma de tecer novos olhares para o gênero discursivo e/ou produto jornalístico.

## **5 Apontamentos inovadores**

O recorte metodológico permitiu perceber, de imediato, que a Revista Veja condicionou a leitura de seu público empregando, ao longo das três reportagens, os movimentos dialógicos pontuados nos critérios de análise. O apelo a recursos linguísticos do senso comum ou de um conteúdo temático evidenciaram uma construção linguística e discursiva limiar a vários níveis de consciência. Ou seja, permitiu que diferentes leitores (contextos históricos e socioculturais) estabelecessem vínculos entre as informações apresentadas e seus respectivos conhecimentos prévios.



À luz da teoria bakhtiniana, percebeu-se, então, que existiu interação entre o produto jornalístico e seu público. Característica que refutou, portanto, o conceito de manipulação em grau absoluto. Bem como o olhar do emissor é seletivo, o do receptor também é. O que existiu, de fato, foi uma relação simbólica entre o conhecimento de ambas as partes e a competência discursiva dos profissionais da revista.

A finalidade discursiva, diferente em cada um dos enunciados analisados, esteve fundamentada sobre tal ideologia. Daí a utilização de elementos linguísticos que facilitam a compreensão dos textos.

Mais do que relatar os acontecimentos (função enquanto gênero discursivo), as três reportagens narraram, descreveram, explicaram e argumentaram várias informações. São eventos textuais, como delimitam Bakhtin (2003) e Marcuschi (2005), maleáveis e dinâmicos. Atenderam, desta maneira, à própria definição de enunciado e discurso, já que se propuseram a interpretações e não simplesmente à leitura como ato fixo.

Percebeu-se, no processo, que os jornalistas tiveram como destinatários a própria Veja (real), os leitores rotineiros (secundários) e, não menos importante, a linha editorial da revista (conjunto ideológico). Isso porque, no conceito de vozes, os redatores também são respondentes e não apenas falantes. Apropriaram-se das informações, das falas dos entrevistados e dos documentos que tiveram acesso para replicar, conforme entendimentos particulares, um discurso repleto de ecos.

Ao debruçar sobre os movimentos dialógicos utilizados, notou-se que as reportagens tornaram-se complexas porque, de maneira geral, várias foram as trocas das vozes a cada parágrafo. Ou seja, ora Veja falou por si, ora se distanciou das afirmações, ora aproveitou do enunciado alheio em transcrição, ora tendeu a convencer o leitor e ora utilizou do conhecimento prévio de seu público. Movimentos dos quais, obviamente, o assinante comum não detém conhecimento, não distingue, mas que foram essenciais para compreender a finalidade discursiva da publicação a cada texto jornalístico.

As marcações ideológicas da revista foram mais explicitadas em forma de ironia e no emprego de modalizadores. Nas três reportagens, os movimentos dialógicos de direcionamento e de interpelação carregaram tais reforços linguísticos. A revista se apropriou destes recursos para que o leitor, primeiro, compreendesse as informações a partir de seu posicionamento e, segundo, para reafirmar sua interpretação das vozes ali transcritas.



No sentido discursivo, ou seja, enquanto gênero, as três reportagens apresentaram características intrínsecas da teoria bakhtiniana. Ao se distanciar da factualidade, por características conceituais do jornalismo, como especifica Scalzo (2013), ganharam um viés analítico, interpretativo e – conforme analisado – opinativo. Deste modo, encheram-se de elementos da consciência, da subjetividade, tanto para quem as redigiu, quanto para quem as leu.

Apesar do não conhecimento da relação entre os jornalistas e as fontes, percebeu-se, segundo as conceituações de Lage (2006), que parcela considerável dos entrevistados – nas três reportagens – eram fontes secundárias e oficiosas. Essa constatação esteve, inclusive, textualmente marcada com o emprego de expressões que denotam falas, enunciados alheios: “em conversas com aliados mais próximos”, “disse um grande empresário”, “diz um desses ministros”. Nas primeira e segunda reportagens analisadas sob o ponto de vista bakhtiniano, a revista chega a abrir aspas para Fernando Henrique Cardoso e Luiz Inácio Lula da Silva, denotando transcrição do enunciado, sem, contudo, transparecer de onde foram retiradas tais falas. O redator teria esquecido de avisar ao leitor que entrevistara os chefes de Estado?

Independente da resposta – não apresentada por Veja – constatou-se que são utilizados dúbios mecanismos na busca por informações. É compreensível que fontes genéricas tenham sido ouvidas, como ressalta Lage (2006), quando fontes oficiais tenham negado ou tergiversado a respeito de dados, decisões e etc. Nestes casos, porém, é unanimidade entre os autores (Scalzo, Lage e Bucci) e, mais importante, delimitação do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros que tais fontes sejam confrontadas. É preciso, para a relação de confiança, de credibilidade entre as partes, que o profissional apresente os diferentes pontos de vista.

Ter os movimentos dialógicos de direcionamento e interpelação como os mais utilizados, neste sentido, é uma característica preocupante. A Análise Dialógica permitiu descobrir, nas três reportagens, as finalidades discursivas nos relatos dos três episódios políticos. Marcar ideologicamente um texto jornalístico, que deveria primar pela isenção, portanto, não é salutar nem para o redator nem para o leitor.

Diante de todos esses apontamentos, foi possível notar um engajamento da revista em cada reportagem. Como não revela, não expõe seus métodos de pesquisa e apuração e, de tal forma, cria tramas discursivas eticamente questionáveis, Veja sucumbe sua virtude ao vício. Ou seja, a publicação informou, noticiou o acontecimento, mas trabalhou numa postura de autossuficiência ética. Um modo de agir



tênu e desde a primeira reportagem (datada de 1995), na qual refutou todos os enunciados alheios, criticou a atuação de órgãos importantes e ofereceu, no último parágrafo, a própria interpretação sobre o assunto.

Em resumo, as análises permitiram concluir que a Revista Veja conduziu suas investigações com ressalvas, comprometeu o direito à informação e falhou no compromisso com o público.

## **6 Considerações**

O trabalho de conclusão de curso (TCC), do qual se extraiu este artigo científico, cumpriu sua função de pesquisa experimental ao construir pesquisa bibliográfica interdisciplinar e, principalmente, ao estabelecer nova técnica metodológica a partir de uma teoria conhecida da Linguística. Nos limiares entre essa área de conhecimento e a Comunicação, ou o Jornalismo mais especificamente, tanto a pesquisa originária, quanto este presente resumo, fomentam novos olhares para o texto noticioso.

Constituem-se, portanto, materiais científicos que compreendem a relação entre o jornalismo, a construção discursiva de reportagens e a normatização ética da profissão. Para isso, todo o processo considerou a preocupação de evitar conclusões acadêmicas conhecidas, aprofundando os levantamentos bibliográficos com a utilização de diversos autores sobre os temas. Cuidado que, em *Análise Dialógica do Discurso*, permitiu conhecer categorizações atualizadas acerca da teoria bakhtiniana e, por fim, conferir novo recorte ao estudo.

Ao analisar as três reportagens, confirmou-se a primeira das suspeições iniciais do trabalho: as reportagens apresentam, sim, falhas na condução ética, tanto do tema, quanto das informações. Em relação a segunda hipótese, a pesquisa a comprovou parcialmente: existem vários reforços ideológicos (finalidades discursivas) do semanário na construção dos sentidos. São, também, utilizados mecanismos linguísticos que configuram diferentes interpretações tendenciosas. Não é possível afirmar, porém, que estas interpretações estejam condicionadas sob um ponto de vista político, mas, sim, editorial.

As análises concluem, ainda, que o tratamento dado às reportagens não é salutar à condução ética e, também, não é salutar à construção do discurso jornalístico. As inferências dialógicas evidenciaram a utilização de recursos linguísticos conflitantes



com as normatizações da profissão. Veja, ao construir seus discursos de maneira direcionada e interpelada por posicionamentos ideológicos, esbarra no compromisso do jornalista em prezar pela isenção pessoal na narração dos acontecimentos e, não menos grave, contradiz o compromisso que a atividade tem com o público.

Por fim, e independentemente dos resultados auferidos no TCC, este presente artigo evidencia a necessidade de o meio científico, em especial o acadêmico, prezar pela atualização da interdisciplinaridade e, principalmente, das teorias em Comunicação. Aqui, acredita-se, o cruzamento inédito entre os movimentos dialógicos e os contextos de produção, em Linguística, possibilitaram uma nova maneira de verificar e apontar tendências ideológicas em textos e demais produtos jornalísticos.

Romper com o tradicionalismo das pesquisas existentes, mesmo que de maneira experimental, pode criar novos e sustentáveis critérios metodológicos, além de suscitar visões menos estereotipadas para a pesquisa.

## REFERÊNCIAS

ARBEX JR., José. **Showrnlismo: a notícia como espetáculo**. 2. Ed. São Paulo: Palas Athena, 2002.

BAKHTIN, Mikhail; VOLOCHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 6. Ed. São Paulo: Hucitec, 1992.

\_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. 4. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BUCCI, Eugênio. **Sobre ética e imprensa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2013.

GARCEZ, Lucília Helena do Carmo. **A escrita e o outro: os modos de participação na construção do todo**. Brasília, UNB, 1998.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002.

\_\_\_\_\_. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Contexto, 2007.

\_\_\_\_\_. **A inter-relação pela linguagem**. 10. Ed. São Paulo: Contexto, 2010.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica jornalística**. São Paulo: Ed. Record, 2006.

MARCONDES, Ciro. **Quem manipula quem? Poder e massas na indústria da cultura e da comunicação no Brasil**. 5. Ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1986.



MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais**: definição e funcionalidade (in) PAIVA, Angela Dionisio, MACHADO, Anna Rachel, BEZERRA, Maria Auxiliadora [orgs]. Gêneros textuais e ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MEDINA, Cremilda. **Notícia, um produto à venda**: jornalismo na sociedade urbana e industrial. 2. Ed. São Paulo: Summus, 1988.

OHUSCHI, Márcia Cristina Greco. **Ressignificando os saberes na formação continuada**: a responsividade docente no estudo das marcas linguístico-enunciativas dos gêneros notícia e reportagem. Tese de doutorado em Estudos da Linguagem. Universidade Estadual de Londrina (UEL): Londrina (PR), 2013.

PONZIO, Augusto. **A revolução bakhtiniana**: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2012.

RODRIGUES, Rosângela Hammes. **Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem**: a abordagem de Bakhtin (in) MEURER, José Luiz; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée [orgs]. Gêneros: teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

ROJO, Roxane. **Gêneros do discurso e gêneros textuais**: questões teóricas e aplicadas (in) MEURER, José Luiz; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée [orgs]. Gêneros: teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

ROSSI, Clóvis. **O que é Jornalismo**. 10. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1998.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de revista**. 4. Ed. São Paulo: Contexto, 2013.

SILVA, Josa Coelho. **As relações dialógicas no gênero notícia**. Artigo científico publicado na Revista Letra Magna. Ano 04, número 09, 2008. Disponível em: <https://www.yumpu.com/pt/document/view/16885918/as-relacoes-dialogicas-no-genero-noticia-revista-letra-magna/2>

SODRÉ, Muniz. FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem**: notas sobre a narrativa jornalística. São Paulo: Summus, 1986.

SOBRAL, Adail. **Do dialogismo ao gênero**: as bases do pensamento do círculo Bakhtin. Campinas (SP): Mercado das Letras, 2009. Série Ideias sobre Linguagem.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 2008.